

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME I*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

## JOALHARIA LUSITANA

São bem conhecidos os «*Laudes Hispaniae*» celebrados nos textos dos antigos historiadores gregos e latinos, relativos à fertilidade agrícola da Península Hispânica e à abundância de minérios de toda a espécie, designadamente no que respeita à riqueza aurífera do Noroeste (1). Tais referências, tão frequentes, à extraordinária quantidade deste metal nobre aqui existente nesses tempos distantes, são confirmadas pelos vestígios que ainda hoje restam de antiquíssimas explorações mineiras (2), e pelos repetidos achados casuais de jóias preciosas, manufacturadas desde os mais remotos períodos dos inícios da metalurgia até o fim da época romana.

Em presença de uma tal abundância de ouro nesses recuados tempos, não é de estranhar que entre as populações desta região se desenvolvesse de um modo invulgar a indústria joalheira, bem manifesta na quantidade e qualidade de exemplares que se guardam nos nossos museus, muitos dos quais ainda inteiramente inéditos (3), e

(1) Cf., por exemplo, Estrabão (*Geogr.*, III, 2, 3; 2, 8; 2, 9, etc.; e XI, 2, 19) Mela (*iChorogr.*, II, 86; etc.), Plínio (*Nat. Hist.*, XXXIII, 39, 54, 62, 66, 77, 78, 80, 96, 97, etc.). Sílio Itálico, I, 222 e ss. E ainda em muitos outros autores, como Marcial, Justino, Solino, Claudiano, Marciano Capela, etc.

(2) Indícios de antigas explorações mineiras do ouro, em Portugal, têm sido encontrados em numerosos lugares: em Jales (Vila Pouca de Aguiar), Valongo, Paredes, Gondomar, Castelo de Paiva, Penedono, Mirandela, Chaves, Serra de Arga, Serra da Lousã, Idanha-a-Nova, Rosmaninhal, Monfortinho, Penamacor, etc. (Vide Mário Cardozo, *Das origens e técnica do trabalho do ouro*, Guimarães, 1957, p. 16).

(3) O tesouro que se guarda, por exemplo, no nosso primeiro museu de Arqueologia, o Museu Etnológico do «Doutor Leite de Vasconcelos», em Belém, e que muitos desconhecem, é notabilíssimo em qualidade e quantidade de jóias primitivas aparecidas no nosso país. Espera de há muito a publicação de um album monumental com a catalogação, reprodução e descrição desses espécimes preciosos, edição que despertaria o maior interesse em todos os meios cultos estrangeiros e daria, só por si, honra à investigação arqueológica nacional.

cuja originalidade e variedade de modelos, de ornamentação e de técnicas empregadas no seu fabrico são verdadeiramente notáveis.

Infelizmente, de uma grande parte destas jóias não se tem podido fazer um estudo conveniente respeitante às suas origens e cronologia, visto que, na maioria, são resultantes de escavações fortuitas, que deixam desconhecidos pormenores importantes acerca das condições dos achados, e raras vezes constituem o produto de pesquisas arqueológicas sistemática e cientificamente dirigidas.

Ora, precisamente do incontestável valor desses achados, com os quais deparam em geral os trabalhadores rústicos, que apenas os apreciam e recolhem por se tratar de peças de Ouro ou de prata, e, como tais, convertíveis em dinheiro — deriva muitas vezes a drenagem clandestina destes objectos para a mão de ourives menos honestos, que imediatamente os compram por baixo preço, quase sempre inferior ao simples valor do próprio peso de ouro. Estes mercadores, por sua vez, fundem lamentavelmente essas jóias de grande valor estimativo, ou eritão, quando conhecem o seu interesse científico, o que aliás o achador ignora por completo, tratam logo de realizar um excelente negócio, pedindo depois por tais exemplares, que obtiveram em óptimas condições de preço, quantias verdadeiramente exageradas, fazendo todo o possível por colocá-las, por meio de contrabando, no estrangeiro, onde geralmente os coleccionadores ricos e os museus públicos pagam estes objectos antigos muito melhor do que no nosso país. E, assim, tem lugar o êxodo e rápido desaparecimento dos achados.

É verdade que dispomos de uma legislação protectora do nosso património artístico e arqueológico, a qual, procurando não ferir os direitos de propriedade\* se esforça simultaneamente pela inventariação destes objectos preciosos, de cujo aparecimento se tem notícia, e por assegurar a sua permanência no país, tornando os possuidores de tais raridades responsáveis pela sua manutenção e conservação (4).

(4) Entre nós compete esta benemérita actividade, orientada por uma copiosa legislação, mas de precários efeitos, à 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional de Educação e à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Apesar de tudo, algumas antiguidades preciosas — sejam de carácter monumental, ou simples objectos avulsos — se conseguem livrar da ruína ou extravio por uma intervenção oportuna, salvando-os a tempo da ignorância popular, ou da ganância egoísta de coleccionadores incultos, bricabraquistas e mercadores agiotos.

Mas, os resultados práticos destas leis de responsabilidade pessoal são manifestamente insuficientes, pois existem sempre falsos meios de justificar o desaparecimento de quaisquer destes objectos da mão do proprietário considerado responsável por eles, podendo fãcilmente alegãr-se um imaginãrio roubo, o incêndio do aposento onde estavam guardados, etc..

Por isso mesmo, só a expropriação em favor do Estado, imediatamente à verificação do achado, mediante, já se vê, uma indemnização correspondente à avaliação do objecto encontrado, feita por peritos, repartida pelo achador e pelo proprietário do terreno onde tenha ocorrido o achado acidental, seria o meio eficaz de salvar para os nossos museus públicos tão interessantes e preciosos testemunhos de uma das mais florescentes indústrias primitivas, como foi a da joalheria. Mas parece que, em oposição a uma medida radical dessa natureza, que, aliás, seria defensora do nosso patrimônio comum, se levantam dois obstáculos insuperáveis: em primeiro lugar considera-se tal expropriação um pretenso atentado ao direito individual de propriedade (quando toda a expropriação por utilidade pública o é também, e nem por isso deixamos de nos conformar com as leis que a regulam, quando se trata, por exemplo, de anular a propriedade particular de um terreno, ou de um prédio, em vista da necessidade da abertura de uma via pública); por outro lado surgiria também — opinam os juristas—, com essa expropriação violenta, o perigo de se ocultar ainda mais a notícia dos achados, que passariam então a ser ciosamente conservados secretos, para assim o seu descobridor os poder sonegar a uma entrega obrigatória. De modo que, ao abrigo de uma inoperante legislação suposta reguladora do assunto, os proprietários dessas preciosidades limitam-se a consentir (quando consentem..) que um ou outro estudioso as estude e reproduza pela fotografia ou pelo desenho, para lhes dar publicidade.

Este estado de coisas tem já provocado, como dissemos, a inevitável saída para o estrangeiro de muitos dos mais notáveis exemplares da joalheria arcaica portuguesa, alguns dos quais ficam inteiramente desconhecidos dos estudiosos, e, para maior sigilo, são vendidos ocultando-se a designação do local do achado, ou indicando-se, para maior desorientação, um local diferente; algumas dessas jóias, porém, são bem conhecidas de investigadores e especialistas, e figuram com a franca indicação da sua procedência portuguesa,

como exemplares preciosos, em diversos museus estrangeiros de grande classe.

Podemos citar, infelizmente, entre várias destas valiosas peças saídas de Portugal clandestinamente (algumas delas até com a conivência ou simples desleixo e incúria de pessoas de responsabilidade) a maravilhosa «Xorca de Sintra», hoje no British Museum, de Londres; o «Colar de Portel», em França, no Museu da Saint-Germain-en-Laye; o «Colar de Penela» roubado do Palácio das Necessidades, e que pertencera à colecção do Rei D. Fernando, consorte de D. Maria II; o magnífico «Tesouro de Chão de Lamas» e o «Bracelete de Estremoz», estes dois últimos actualmente no Museu Arqueológico Nacional de Madrid (5).

Ora de todas estas jóias, que podemos considerar criminosamente

(5) Acerca da bibliografia da xorca de Sintra e do colar de Portel (Évora), vide Mário Cardozo, *Das origens e técnica do trabalho do ouro*, cit., pág. 28-29.

Sobre o colar de Penela (Coimbra), cujo paradeiro hoje se ignora, tendo sido roubado do Palácio das Necessidades em Outubro de 1910, afirmou o falecido investigador espanhol Juan Cabré y Aguiló que ele se encontrava num museu estrangeiro, sem designar qual fosse, o que, a não ser que se tratasse de lapso deste Autor, mereceria que o Estado português procedesse a uma averiguação relativa às circunstâncias em que o valioso objecto roubado saiu do nosso país (Vide Juan Cabré y Aguiló, «El tesoro de Chão de Lamas, Miranda do Corvo, Portugal», *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, Madrid, 1927, tomo VI, p. 263).

Também sobre o tesouro argênteo de Chão de Lamas, composto de numerosas peças (torques, lúnulas, vasos, etc.) o mesmo D. Juan Cabré, no trabalho acima citado, diz, a páginas 263, que foi comprado para o Museu Arqueológico Nacional de Madrid, por oferta ao Estado espanhol feita em 1922, por «*un ilustre português entusiasta hispanófilo*», do qual aliás não indica o nome. Seria interessante para nós, portugueses, conhecer-se quem fora esse tão «entusiasta hispanófilo», quanto anti-patriota lusitanófilo!

Finalmente, acerca do bracelete de Estremoz adiante se dá notícia das condições em que foi vendido e da sua saída de Portugal.

Em 1941, regressaram a Espanha, mediante negociações por via diplomática entre os Governos espanhol e francês, vários objectos de procedência espanhola que se encontravam no Museu do Louvre, em troca de outros, de origem francesa, que o Museu do Prado possuía (Vide António Garcia y Bellido, *La Dama de Elche y el conjunto de piezas arqueológicas reingresadas en España en 1941*, Madrid 1943). Seria esplêndido que o Governo português tentasse negociações idênticas quanto às preciosas jóias de proveniência nacional que citámos e se encontram em museus estrangeiros.

exportadas para o estrangeiro, vamos especialmente referir-nos ao bracelete procedente dos arredores de Estremoz, antes de entrarmos no estudo de um outro bracelete, até agora conservado inédito, aparecido em Portalegre, idêntico àquele na sua curiosa ornamentação, diferindo apenas os dois no peso e nas dimensões. Em face de tão flagrante semelhança, e dada a proximidade dos locais dos achados destas duas jóias, somos levados inclusivamente a formular a hipótese de elas terem saído da oficina de um mesmo aurífice (6).

Antes de tratarmos da descrição e estudo desse bracelete inédito de Portalegre, comecemos portanto por recordar a história e descrição do exemplar do Museu de Madrid procedente de Estremoz, e relatemos a curiosa odisseia dessa peça que tem sido analisada e citada por diversos autores (7). Desconhece-se a data exacta e pormenores do achado

(6) Outras jóias antigas têm aparecido em Portugal, que não será desacerto atribuir à oficina de um mesmo aurífice, dada a flagrante identidade morfológica e de estilo, bem como a proximidade relativa dos locais dos achados dessas jóias. Podemos citar, nestas condições, as arrecadas de Laundos, Esteia e Afife, por exemplo, e os torques de Lebução (Valpaços) e de Chaves. (Vide Mário Cardozo, *Notícia de duas arrecadas de ouro antigas. Comunicação apresentada ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra, Junho de 1956. Guimarães 1956, fig. 5; *Das origens e técnica do trabalho do ouro*, cit., est. XVII, fig. 34. Ricardo Severo, «O Tesouro de Lebução», *Portugalia*, Porto, vol. II, 1905-1908).

(7) Eis a bibliografia desta jóia:

Salomon Reinach, «Un bracelet espagnol en or», Comunicação ao Congresso Intern. d'Antrop. e Etnogr. Genebra 1912, in *Revue Archéologique*, Paris 1912, tomo XX, p. 375-380.

José Ramón Mélida, *Arqueología Española*, Barcelona, 1929, p. 233.

Luis Pericot Garcia, «La España Antigua: Edad del Hierro», in *Historia de España*, Barcelona 1934, vol. I, p. 295.

Francisco Alvarez-Ossório, «Noticia acerca de una joya posthallstática portuguesa, que se conserva en el Museo Arqueológico Nacional (Madrid)», *Corona de Estudios que la Sociedad Esp. de Antrop., Etnogr. y Prehist. dedica a sus mártires*, Madrid 1941, p. 35-37; «Tesoros españoles antiguos en el Museo Arqueológico Nacional», *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Madrid, 1954, pág. 27-28 da Separata e Lam. XV.

Fernando Russell Cortez, «O bracelete de Estremoz», in *Rev. Nummus*, Porto 1954, vol. II, p. 71-73.

A. Blanco Freijeiro, «Origen y relaciones de la orfebrería castreña», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Santiago de Compostela 1957, tomo XII, fase. 36, p. 6-10.

desse tão precioso bracelete de ouro (Est. I), que acusa o toque de 875 milésimas, o peso de 978,5 gramas, a altura de 50 mm. e o diâmetro de 90 mm., tendo sido considerado pelo ilustre Conservador Adjunto à Direcção do Museu do Prado, Sr. Dr. António Blanco Freijeiro, «una de las piezas más bellas de la orfebrería hispánica antigua, una cumbre en la línea de todos sus semejantes, la obra de un artista que además de una técnica admirable poseía una fantasía que lo eleva por encima de todos sus colegas, aun de los más diestros e inspirados» (8). Da peregrinação desta valiosa jóia antiga, das suas andanças de mão em mão e mudanças de proprietário, sabe-se que foi inicialmente vendida a um ourives de nome Silva Azevedo, da cidade de Estremoz, por um camponês que, ao lavrar umas terras nas vizinhanças daquela cidade, a achara, juntamente com outro objecto também de ouro, de aplicação indeterminada, que o ourives fundira (9). Esse ourives, por sua vez, vendeu o bracelete a uma ourivesaria do Porto, a casa Augusto Moreira & Coutinho, da Rua das Flores. Esta vendeu-o, em 1872, a um tal Luis Maria da Costa, da cidade de Lisboa, indo mais tarde a preciosa jóia parar a Espanha às mãos do coleccionador D. Inácio Bauer. Por fim foi adquirida pelo antiquário Apolinar Sánchez Villalba, que após dois anos de demoradas negociações iniciadas em 1934, se resolveu a ceder o magnífico bracelete, por 25.000 pesetas, ao Museu Arqueológico de Madrid, onde actualmente se guarda (10).

Como dissemos, diversos autores se têm ocupado desta formosa jóia, descrevendo-a e reproduzindo-a, ou fazendo-lhe simples alusão, alguns, por sinal, ignorando ou, pelo menos, não precisando claramente a sua procedência (11). Salomon Reinach foi quem primeiro deu pública

(8) A. Blanco Freijeiro, «Origen e relaciones de la orfebrería castreña», cit., p. 7.

(9) Num documento, como certificado da procedência do bracelete, passado pela ourivesaria Moreira & Coutinho a Luis Maria da Costa, a quem fora vendido, faz-se alusão ao outro objecto que junto com aquele aparecera, como sendo «uma couraça de ouro antiga» (?) que o ourives de Estremoz teria derretido (Vide F. Alvarez-Ossório, «Noticia acerca de una joya posthallstattica portuguesa», cit., p. 36, nota 2).

(10) N.º 35.651 do Inventário do Museu.

(11) Salomon Reinach chama-lhe «bracelet espagnol»; Ramón Mélida diz que foi «hallado en la provinda de Badajoz»; Pericot Garcia dá-o como «de la región Occidental de la Peninsula»; Juan de Mata Carriazo considera-o «procedente de

notícia dela, tendo-lhe sido facultada a peça para estudo, cerca do ano de 1912, por intermédio de uma tia de Inácio Bauer residente em Paris. Pouco ou nada adianta o insigne arqueólogo e crítico de Arte acerca desta joia, no artigo que publicou na *Revue Archéologique*. Data-a do séc. v-iv a. C. e reproduz-la em duas boas estampas. Compara a sua ornamentação formada de séries de ponias aguçadas, ou puas, semelhando pequeninos cones, à decoração também dos mesmos cones, que o busto da famosa «Dama de Elche» ostenta nos grandes discos que lhe enfeitam lateralmente a cabeça, e ainda sobre a testa.

A parte mais interessante do artigo do eminente escritor francês é aquela em que nos dá notícia de ter incumbido M. Champion, director do laboratório do Museu de Saint-Germain, de obter moldagens desta peça para a realização de um fac-símile. Champion, após um trabalho moroso e aturado, cheio de dificuldades técnicas, servindo-se de uma máquina de tornear e fresar, que propositadamente mandou construir para tal fim e cujo desenho Reinach inclui no seu artigo, conseguiu uma reprodução em cobre do bracelete original. É claro que essa reprodução, aliás dificilmente obtida, mesmo com o auxílio dos processos facultados pela aparelhagem da indústria moderna (com os quais os primitivos aurífices nem sequer sonhavam...), só veio demonstrar e pôr em evidência a nossa ignorância acerca dos meios práticos de que o artista pro to-histórico dispunha para conseguir realizar aquela maravilhosa jóia, de uma «riqueza y técnica difícil, aún hoy día» como Álvarez-Ossório salienta (12), e à qual Freijeiro dedica as palavras de alabança que acima deixamos transcritas (13).

Passemos então a descrever, ou melhor, a recordar sumariamente a ornamentação do bracelete de Estremoz, o que seria dispensável, como é óbvio, visto outros estudiosos já o terem feito, se com tal descrição não ficasse também igualmente descrito, pelo menos em parte, o bracelete, inteiramente semelhante a este, mas ainda inédito, de que vamos dar notícia no presente artigo, ou seja, o bracelete aparecido em Portalegre.

Extremadura» não precisando se da Extremadura espanhola, se da portuguesa. (Vide *Historia de España* dirigida por M. Pidal, Madrid 1947, tomo I, vol. T, fig. 664, a p. 846).

(12) Vide obras citadas, deste autor, p. 37 e 28 respectivamente.

(13) Ob. cit., p. 7.



A descrição do bracelete de Estremoz é singela e fácil, quase se torna desnecessária, tão sugestiva e clara é a gravura que acompanha este artigo, reproduzida do estudo de Reinach: consta de cinco aros moldurados, os quais alternam com quatro outros constituídos por pequenas pontas ou puas aguçadas, de forma cônica (Est. I-a), cada uma delas entre quatro pequenos orifícios quadrangulares, que trespassam a peça de face a face (Est. 1-b). A forma geral da jóia é a de um barrilete, ou seja, mais larga na parte central e diminuindo de diâmetro para cada uma das extremidades.

O que desde logo impressiona particularmente qualquer que observe esta magnífica peça, cuja ornamentação aliás nada tem de aparatoso, antes se apresenta singela e sóbria, é o segredo completo da técnica por meio da qual o hábil artífice proto-histórico teria conseguido obter aquelas diminutas puas ou pontas cónicas, de uma regularidade tão notável! No estudo de uma peça desta natureza, não interessa unicamente o problema da sua cronologia, da sua origem ou das relações de tipologia que ela ofereça com outras jóias morfológicamente idênticas, e de composição ornamental semelhante, em obediência a determinados cânones decorativos, isto é — a sua integração em dado momento histórico da arte e da cultura de um certo povo; interessa-nos também, e muito, a técnica empregada na realização do trabalho artístico, pois esse estudo poderá fornecer-nos informes importantes sobre a evolução da indústria joalheira em determinado centro de produção e de expansão. A técnica do *granulado* e do *pulverizado*, por exemplo, na ornamentação das jóias áureas primitivas, tão característica dos exemplares de origem etrusca, tem merecido, de há muito, a maior atenção aos investigadores, acerca dos processos empregados pelos antigos para obterem tão curiosos efeitos na arte da ourivesaria (14).

Ora, em geral, os estudiosos que têm descrito, ou simplesmente dado a reprodução deste bracelete de Estremoz, em estampas por vezes acompanhadas apenas de uma breve legenda, abstiveram-se de for-

(14) Neste processo de ornamentação obtido por meio de diminutas partículas de ouro, soldadas à superfície lisa da jóia que se quis decorar com elas, distingue Blanco Freijeiro três efeitos que, segundo o tamanho decrescente dessas partículas áureas empregadas, classifica de ornamentação com *glóbulos*, a *granulado*, e a *granitado* ou *polvilhado*.

mular qualquer sugestão plausível sobre a maneira como teria sido executado esse lavor decorativo constituído pelas pequenas pontas agudas, ou então confessaram francamente a sua ignorância. Ramón Melida, por exemplo, diz apenas que o bracelete foi feito «torneando un lingote»; é claro que isto nada elucida. Alvarez-Ossório adianta um pouco mais, dizendo: «No cabe suponer que se moldeasen por separado los nueve aros, o al menos cinco de que consta y despues se uniesen a martillo, pues la superficie interior es lisa y nada se observa que pudiera ser así fabricado; mas bien parece de una pieza». Esta opinião, sensata e autorizada, contradiz precisamente a hipótese apresentada posteriormente pelo Sr. Dr. Russell Cortez, que supõe terem sido os nove aros moldados em separado, e em seguida unidos *por martelagem*, hipótese esta inaceitável, visto que um tal processo de soldadura deformaria e destruiria logo, como é evidente, pela percussão violenta do martelo, especialmente os aros contendo as puas. É indispensável portanto subordinarmos as nossas sugestões à possibilidade de uma realização prática, e não assim, baseá-las em fantasias irrealizáveis.

Foi o Dr. Blanco Freijeiro, historiador e mestre de Arqueologia artística, quem primeiro apresentou uma hipótese racional e admissível da técnica empregada no trabalho do bracelete de Estremoz. Diz-nos ele (15) que, examinando esta jóia detidamente, ao microscópico, concluiu desse exame atento que o emprego da solda era absolutamente evidente. Os aros *moldurados* teriam sido feitos batendo uma barra de ouro sobre um molde apropriado; quanto aos aros *com puas*, cada uma destas seria obtida separadamente, com sua base em forma de cubo, por meio de corte a cinzel, ou então por moldagem, e em seguida cada um destes elementos simples soldado ao imediato, num demorado, minucioso e habilíssimo trabalho, de uma paciência beneditina! Os diminutos cubos teriam quatro das suas arestas biseladas, de maneira que, ao serem unidos entre si por soldadura, a fim de formarem o aro completo, a solda aí penetrasse bem, enchendo esses sulcos formados pelos cortes em bisel. Uns semi-cilindros ligados a duas das faces opostas de cada um dos pequenos cubos, e um pouco mais estreitos do que estes, deixariam, por sua vez, entre si, vazios, pequenos espaços rectangulares que atravessam a espessura do brace-

(15) Op. cit., p. 8.

lete, de uma face à outra (Est. I-b). O desenho de Blanco Freijeiro, que tomamos a liberdade de reproduzir (Est. III), dá uma ideia nítida do processo cuja hipótese o ilustre investigador sugere, baseado na análise microscópica a que procedeu desta joia.

\*

É tempo de passarmos a aludir ao bracelete inédito de Portalegre, objectivo principal desta pequena notícia.

O bracelete achado nos arredores de Portalegre, cuja data e preciso local do aparecimento se ignoram, foi comprado a um ourives ambulante, numa feira da vila de Cantanhede, cerca de 20 quilómetros a N.O. de Coimbra. Encontra-se actualmente na posse de um ourives da Póvoa de Yarzim, que condescende em vendê-lo, mas pede uma quantia de tal modo exagerada, que bem pode considerar-se proibitiva! Mais uma vez se confirmam as dificuldades a que aludimos no começo deste artigo, que obstam à devida entrada de objectos desta natureza no seu lugar próprio, ou seja nos mostuários dos museus públicos.

Como dissemos, este bracelete é inteiramente idêntico ao de Estremoz, na sua ornamentação e restantes pormenores (Est. II). Mas, idêntico não significa absolutamente igual. Vejamos então quais as diferenças entre os dois:

	<i>Bracelete de Estremoz</i>	<i>Bracelete de Portalegre</i>
Peso	978,5 gr.	598,5 gr.
Altura	50 mm.	27,5 mm.
Diâmetro interior	90 mm.	78 mm.
Aros moldurados	5	3
Aro com puas	4 (em forma de cones)	2 (em forma de pirâmides de base quadrangular)

Damos, na Est. IV, um desenho em escala ampliada de vários cortes do bracelete de Portalegre que ajudam a compreender melhor a reprodução facultada na Est. II.

Trata-se, como se vê, de um bracelete menos alto e de menor diâmetro que o de Estremoz, mas exactamente do mesmo aspecto

ornamental, o que, em face da distância relativamente pequena entre as localidades onde cada um foi encontrado (Portalegre fica apenas a uns escassos 54 quilómetros a norte de Estremoz), nos levou a admitir a hipótese, como já atrás acentuámos, de estas duas joias terem sido trabalhadas na oficina de um mesmo *aurifex*. Nada mais natural que duas jóias tão semelhantes, aparecidas em localidades tão vizinhas, saíssem da mão do mesmo artista.

Infelizmente, o exemplar de Portalegre não está tão perfeito como o do Museu de Madrid, pois lhe falta parte do aro, aproximadamente 1/7, nitidamente seccionado a cinzel, cujos golpes deixaram marcas bem visíveis (Est. II-b). Devia portanto ter sido uma peça de aro fechado, como a de Estremoz. É um facto vulgar e frequente os achadores de objectos desta espécie não os apresentarem completos, tal qual os tenham encontrado, aos ourives, para verificação da natureza do metal, com receio de que, sendo ouro, o comprador os engane. Levam assim cautamente, a título de primeira experiência, apenas uma parte, que destacam do corpo da peça, resultando daí a mutilação bárbara e a consequente desvalorização do objecto achado. Deve ter acontecido isto com o bracelete de Portalegre.

Ostenta esta jóia, como a de Estremoz, os mesmos diminutos orifícios quadrangulares, que atravessam a peça de lado a lado (Est. II-b); é estranha e enigmática a utilidade que poderiam ter estes orifícios, pois, como simples efeito ornamental, talvez para salientarem melhor, na face externa, as pontas em forma de pequeninas pirâmides, não haveria necessidade de tais orifícios vasarem a espessura do bracelete até se abrirem na face interna, que evidentemente ficava oculta, quando a jóia era colocada no braço.

Quanto ao emprego de solda no bracelete de Portalegre, nada podemos afirmar de concreto e definitivo, pois não nos foi possível conseguir levá-lo a um laboratório que dispuzesse de um bom microscópio, para exame desta peça. À vista desarmada, porém, ou mesmo com o auxílio de uma lente de forte ampliação, não se lhe nota o menor vestígio de soldadura, sendo na face interna bem visíveis os sinais da martelagem que o lingote de ouro sofreu. É nossa opinião, contudo (apresentada aliás sob a mais prudente reserva e possível necessidade de rectificação) que, no trabalho desta jóia, apenas se tenha feito uso de cinzéis apropriados, duros, resistentes e de fino corte, actuando directamente sobre uma argola maciça, constituindo um aro de superfícies

lisas e de secção plano-convexa, sobre cuja face exterior (a parte convexa) o artista teria esculpido a ornamentação. Um trabalho desta natureza seria, sem dúvida, extremamente moroso e singularmente delicado, exigindo igualmente, tal como o processo pela soldadura de elementos simples, preconizado por Blanco Freijeiro, muita habilidade profissional.

De resto, um excelente artífice actual, com longa prática do seu ofício de ourives, a quem interrogamos sobre o processo que teria sido usado na factura do bracelete, asseverou-nos, ao examinar cuidadosamente a joia, que aqueles pequenos bicos piramidais deveriam ter sido talhados a cinzel, e não constituídos por elementos soldados entre si. Evidentemente que a afirmação deste prático a respeito do bracelete de Portalegre, apesar da sua longa experiência e competência profissional, de modo algum pode invalidar a hipótese apresentada pelo Sr. Blanco Freijeiro com. relação ao processo que teria sido empregado no bracelete de Estremoz.

Contudo, as pontas ou puas obtidas simplesmente por meio de cortes praticados a cinzel podemos observá-las, bem nítidas, num bracelete encontrado em Chaves (16), por exemplo, do qual damos a reprodução ampliada de uma parte (Est. V). Além disso, a execução de jóias antigas com o emprego apenas de três instrumentos essenciais de trabalho — martelo, bigorna e cinzel — é bem reconhecível em muitos dos mais primitivos exemplares da nossa ourivesaria arcaica.

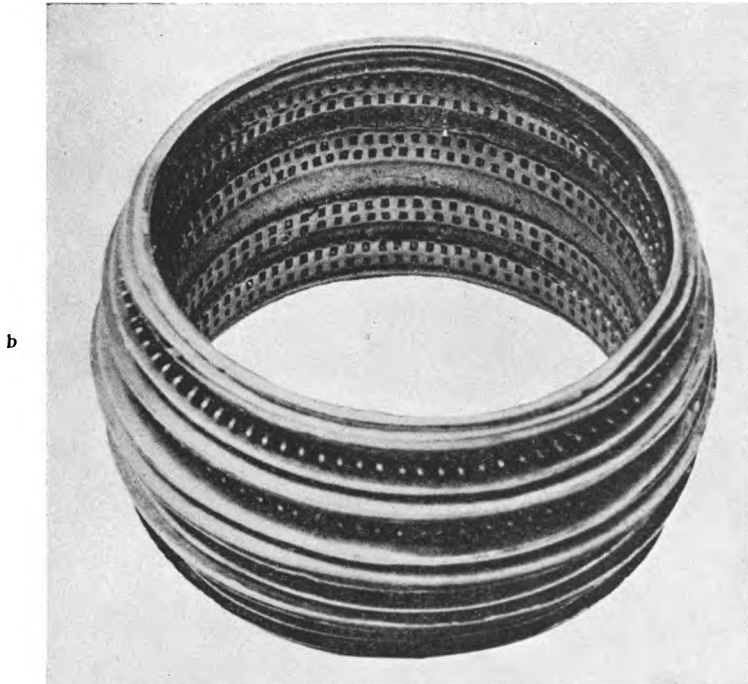
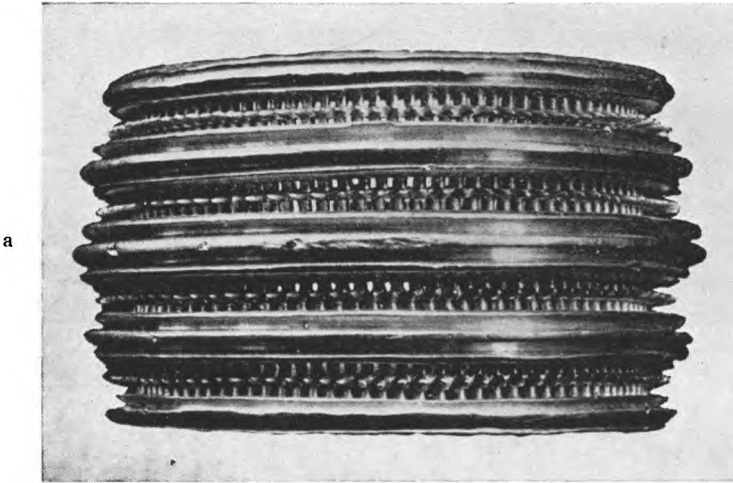
\*

Vejamos agora quais os paralelos que poderemos citar destes dois característicos braceletes, de Estremoz e de Portalegre, inteiramente iguais na sua decoração, tão singela como de um tão curioso efeito ornamental!

Entre as peças de que temos notícia, mais aproximadas destas, cumpre citar, em primeiro lugar, dois braceletes encontrados perto de

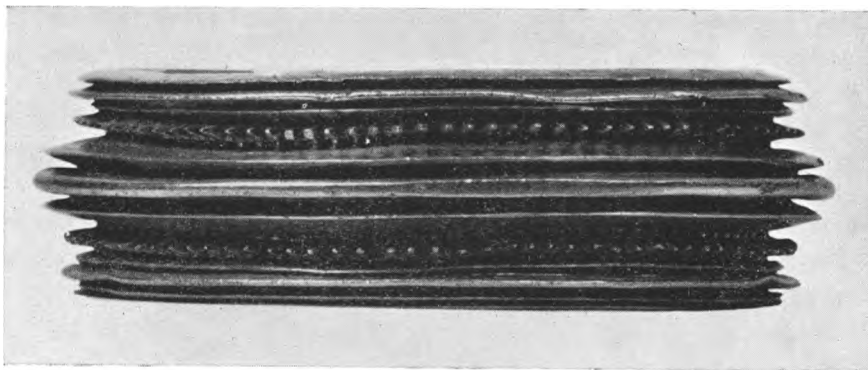
(16) Mário Cardozo, «Novo achado de jóias pré-romanas», *Revista de Guimarães*, 1944, vol. LIV, p. 19.

F. Lopez Cuevillas, *Las joyas castreñas*, Madrid, 1951, p. 63, fig. 35.

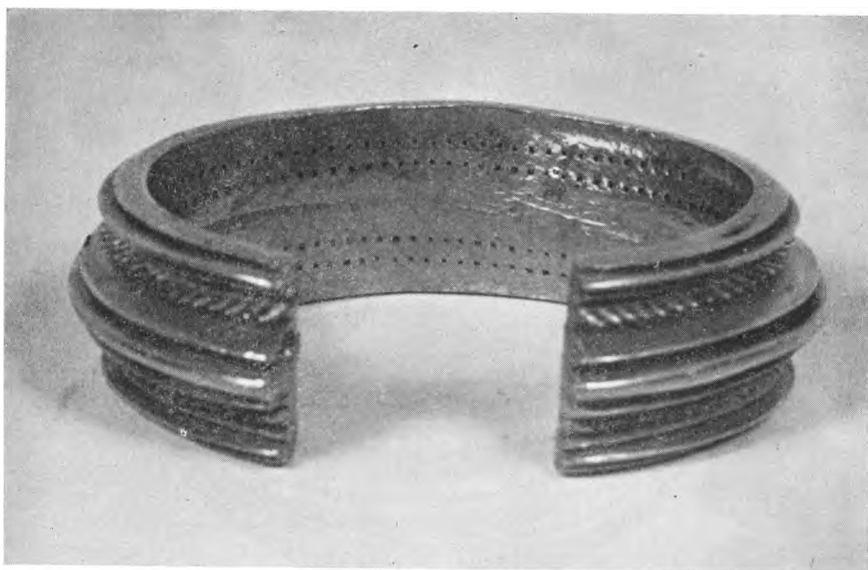


Bracelete de Estremoz (tam. nat. aprox.). (Segundo Reinach).

EST. II

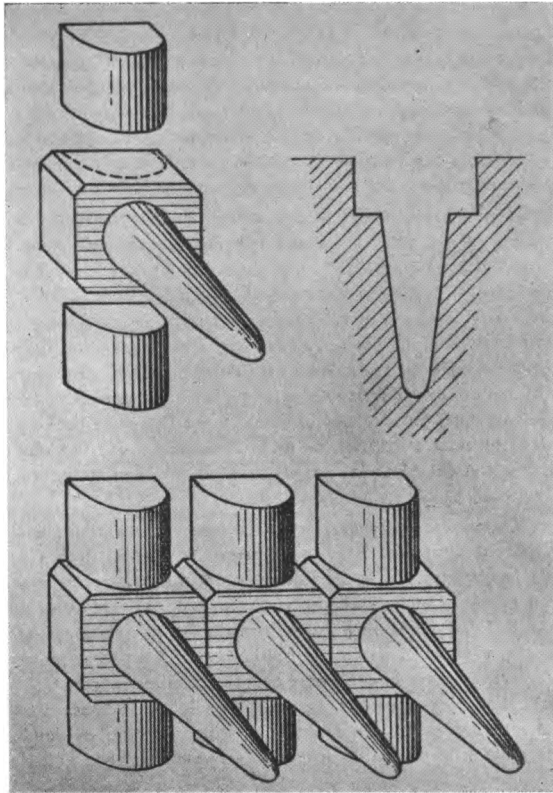


a



b

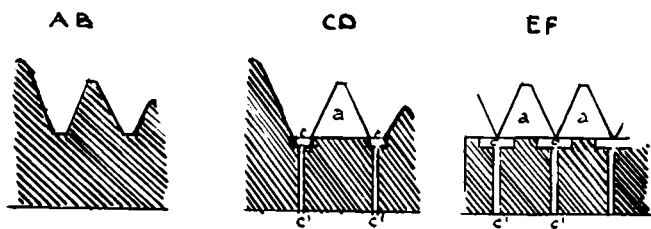
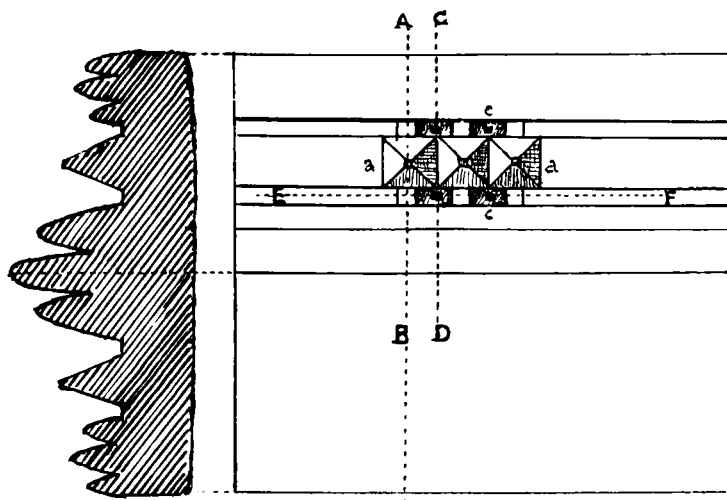
*Bracelete de Portalegre (Tam. nat.).*



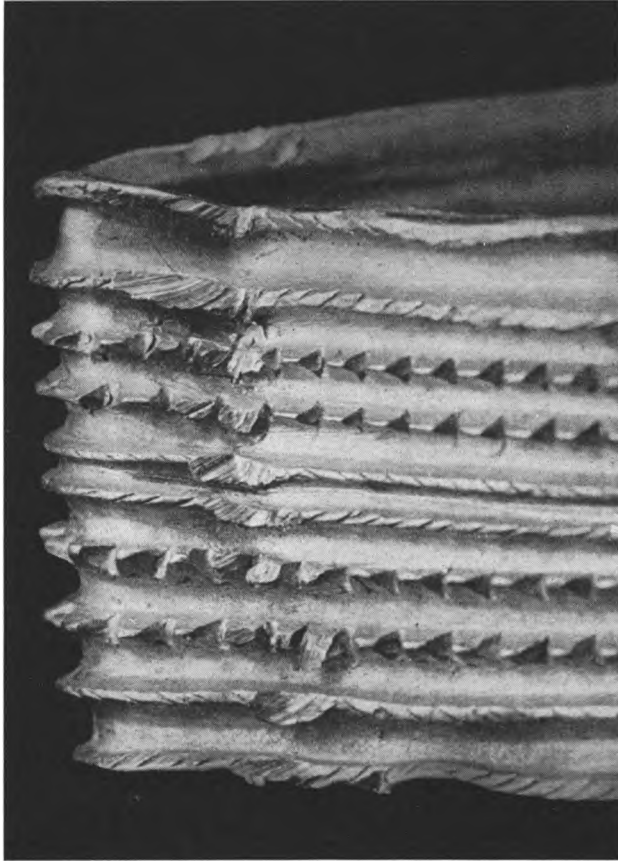
*Processo de fabrico dos aros com puas, do bracelete de Estremoz, segundo Blanco Freijeiro.*



EST. IV



Esquema geométrico e perfis da ornamentação do bracelete procedente de Portalegre. (Duplo do tamanho nat.).



*Ampliação de uma parte do bracelete de Chaves, mostrando a ornamentação de pias nitidamente cortadas a cinzel.*

EST. VI

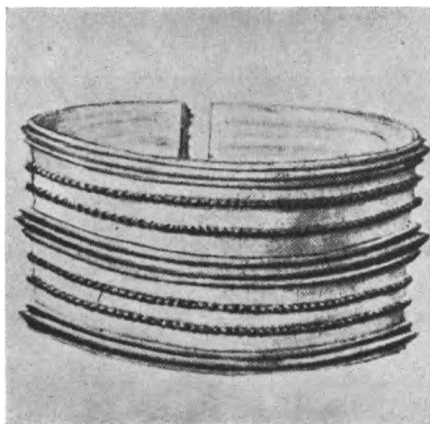


FIG. 1 — *Desenho de um dos braceletes de Évora, aparecidos por volta de 1840 e destruídos por um ourives. (Segundo o Boletim da R. Ass. dos Arq. Port.).*

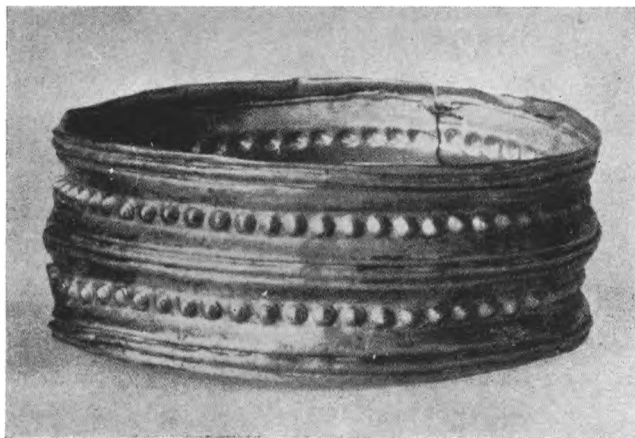
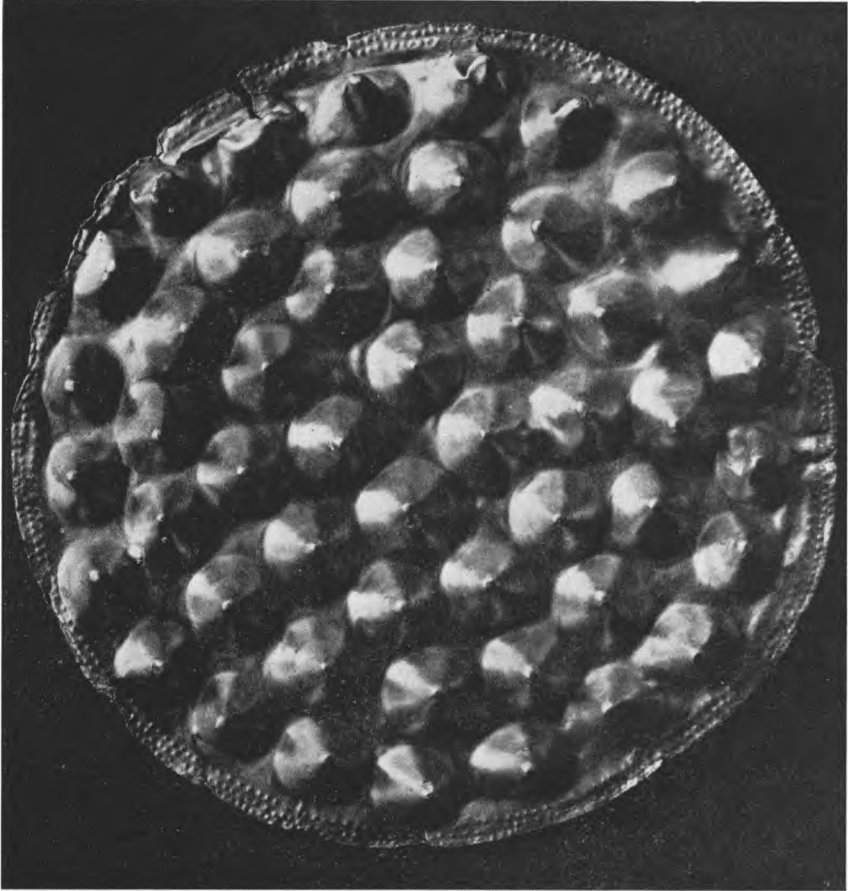


FIG. 2 — *Bracelete de ouro, de Hundersingen. (Segundo O. Paret).*



*Bráctea de ouro de Ninho do Açor (Castelo Branco). (Tam. nat. aprox.).*

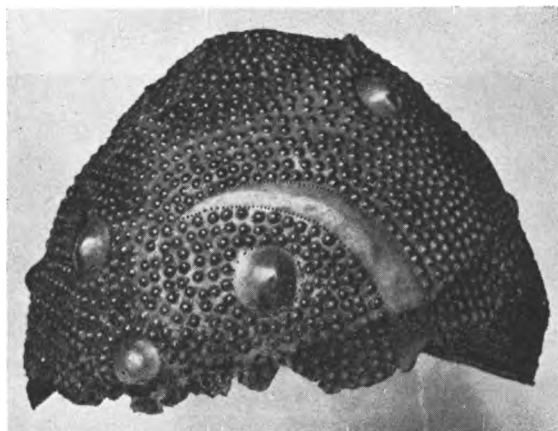


FIG. 1 — *Capacete de prata, de Caudete de las Fuentes.*  
(Segundo A. Garcia y Bellido).

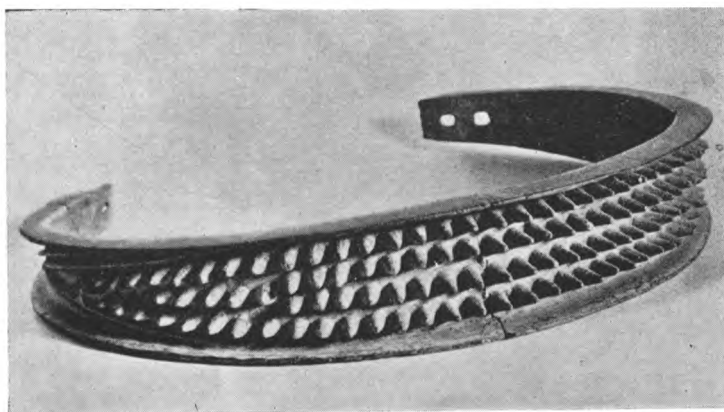


FIG. 2 — *Cinturão (?) de bronze, de Llosete (Mallorca).*  
(Segundo Martin Almagro)

Évora (17) em meados do século xix, que foram derretidos por um ourives, mas dos quais se conservou, felizmente, o desenho (Est. VI, fig. 1). Como se vê, foi ainda na mesma faixa oriental alentejana (Évora fica apenas a uns 38 quilómetros a S.O. de Estremoz) que apareceram mais dois exemplares de braceletes com a repetição do mesmo tema decorativo dos braceletes de Portalegre e Estremoz, o que nos leva a considerar esta região como um centro de fabrico deste tipo característico de jóias.

Obedecendo ainda ao mesmo «motivo» ornamental das faixas com moldura corrida, alternando com faixas de pontas ou puas relevadas, podemos citar também um bracelete aparecido em Orense em 1921 (18), com quatro linhas horizontais de pontas em relevo, separadas por filetes igualmente relevados; e bem assim o citado bracelete de Chaves e um outro aparecido nos arredores de Guimarães, em 1933 (19). Devemos notar, porém, que estes braceletes não são jóias pesadas, maciças, de forte espessura, como os braceletes de Estremoz e de Portalegre, mas sim feitos de chapa de ouro relativamente fina, e o relevo da sua ornamentação obtido pelo processo de percussão, chamado *repuxado*.

Finalmente, este mesmo tipo de braceletes repete-se de um modo flagrante em jóias estranhas à Península Hispânica, o que é para considerar com todo o cuidado e atenção, sob o ponto de vista da localização do presumível centro de origem e de expansão dos protótipos destas jóias. Na Est. VI, fig. 2, por exemplo, reprodução que nos foi amavelmente facultada pelo Sr. Dr. Blanco Freijeiro, figura um bracelete de ouro, de flagrante semelhança com os paralelos acima citados dos braceletes de Estremoz e Portalegre, aquele encontrado em fins do século xix num túmulo de Hundesingen (Württemberg), junto ao

(17) *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 1894, tomo VII, n.º 1, p. 6-7.

Manuel Heleno, «Jóias pré-romanas», *Ethnos*, Lisboa, 1935, vol. I, p. 253 e est. IX, fig. 34.

(18) F. Lopez Cuevillas, *Las joyas castreñas*, tit., p. 60 e fig. 32.

(19) Manuel Heleno, «Jóias pré-romanas», cit., p. 252-253, fig. 12 e Est. VIII, figs. 32, 33.

Mário Cardozo, «Um crime de lesa-arte e de lesa-arqueologia», *Revista de Guimarães*, vol. XLVII, 1947, p. 89.

G. Becatti, *Oreficerie antiche*, Roma, p. 110, 212 e 494.

Danúbio e ao Reno, onde se descobriram vários enterramentos, alguns deles contendo carros, e pertencentes, portanto, à Cultura dos *Fürstengraber*, do período de Hallstatt-D2 dessa região. Esta jóia encontrava-se, antes da última guerra mundial, na «Altertiimersammlung» de Stuttgart (20).

Ora, como criteriosamente acentua o Sr. Blanco Freijeiro, é difícil de admitir, em face deste exemplar, que uma tão flagrante semelhança entre esta jóia estrangeira e os braceletes peninsulares a que aludimos seja resultante de um simples fenómeno de coincidência, e não o produto de uma autêntica influência cultural. Precisamente naquela região próxima das nascentes do Reno e do Danúbio, a norte da Suíça, foi localizado um importante centro produtor de joalheria arcaica, revelando uma brilhante cultura que teria atingido o seu maior florescimento por volta do século vi-v a.C., a qual mostra, sob diversos aspectos (punhais de antenas, fíbulas, jóias, etc.), marcadas afinidades com a nossa Cultura castreja do N.O. hispânico. Aquela região deveria ter estabelecido contacto comercial com o Ocidente, através das Gálias e da Hispania, e com o Mediterrâneo utilizando naturalmente a comunicação facultada pelo vale do Ródano.

Contudo, nestas tentativas de investigação e de reconstituição histórica, não deve exagerar-se a tendência para afirmar que muitas destas influências culturais nos tenham vindo, em grande escala, das invasões de gentes da Renânia, dada a quantidade de elementos indiscutivelmente procedentes dos círculos de cultura mediterrâneos e cisalpinos, de que a nossa civilização céltica está mestiçada e enriquecida, como por exemplo de influências na ourivesaria peninsular nitidamente herdadas da Etrúria, v.g. a chamada ornamentação *a granulada*.

E é indispensável também entrar em linha de conta com a natural originalidade e espírito inventivo dos artífices hispânicos, e portanto com as modificações que quaisquer influências estranhas deveriam necessariamente de sofrer, na sua transplantação e adaptação a um ambiente diferente daquele em que porventura tiveram origem.

É, porém, perfeitamente admissível, como sugere o Sr. Blanco

(20) Vide artigo de O. Paret, em IPEK, 16 (1941-42), p. 77, Est. 41, fig. 15, citação amavelmente indicada por Blanco Freijeiro.

Freijeiro, que o protótipo destes braceletes o tenhamos recebido dos povos que trouxeram ao Ocidente da Península a Cultura do Hallstatt final centro-europeu, protótipo esse que aqui tenha dado origem às flagrantes réplicas locais acima citadas, que realmente parecem decalcadas num modelo exótico do tipo do bracelete de Hunderingen.

É de notar, ainda, que os «motivos» ornamentais com puas cónicas ou em pirâmide, obtidas pela técnica do *repuxado*, em lâminas com fraca espessura, ou por meio da fundição e em moldes apropriados, não são raros em peças atribuídas ao período decorrido desde o Bronze avançado ao final de Hallstatt na Península, entre os séculos ix e m a. C, aproximadamente, quer se trate de jóias, quer de outros objectos de ouro, prata ou bronze, como pode apreciar-se nas Ests. VII-VIII, figs. 1 e 2, damos neste estudo, reproduzindo três peças bem típicas dessa marcada preferência ornamental: uma *bráctea* de ouro procedente de Ninho do Açor (Castelo Branco) (21), o capacete de prata de Caudete de las Fuentes (22) e o cinturão (?) do tesouro de bronze de Llosete (Mallorca, Baleares) (23).

Eis o que podemos dizer, que bem pouco é, acerca do interessante bracelete de Portalegre, que até hoje se conservou desconhecido dos estudiosos, e que, juntamente com o seu gémeo de Estremoz, constituem duas das peças mais originais da nossa opulenta ourivesaria arcaica.

MÁRIO CARDOZO

(21) Luis Pinto Garcia, «Uma peça de joalharía arcaica», *Revista de Guimarães*, 1953, vol. LXIII, p. 178.

Mário Cardozo, *Das origens e técnica do trabalho do ouro*, cit., Est. XI, fig. 20 e pág. 27.

(22) J. Martinez Santa-Olalla, «Ein silbemer Hallstatthelm aus Spanien», *Forschungen und Fortschritte*, Berlin, 1933, n. 26, p. 374; A. Garcia y Bellido «El Arte de las tribus célticas», *Ars Hispaniae*, Madrid, 1947, vol. I, p. 302 e fig. 362.

(23) Martín Almagro, «La Cultura balear de la Edad del Bronce», *Ars Hispaniae*, Madrid, 1947, vol. I, p. 130, e fig. 115.